



V Congresso Internacional da
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE
L I N G Ü Í S T I C A

Caderno de Resumos

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2007



Ao compararmos os dados obtidos no Kaingáng com os do Parkatêjê, tentamos revelar algumas características da variação interlingüística. Verificamos, por exemplo, que alguns traços fonológicos são relevantes na arquitetura da sílaba em ambas as línguas. Pudemos observar, nas duas línguas, por exemplo, a relevância dos traços [coronal] e [contínuo], no que tange à configuração silábica. Já o traço [dorsal] mostrou ter a mesma relevância que tem o [coronal] apenas para o Parkatêjê. Assim, com o pensamento nos traços fonológicos, buscamos semelhanças e/ou graus de afastamento em termos fonotáticos entre línguas geneticamente aparentadas.

Com relação ao português, escolhemos alguns fenômenos de variação que, a nosso ver, envolvem OCP: as oscilações *ei~e* e *ou~u*. Em Damulakis (2005), analisamos essas variantes sob uma visão formal. A tentativa, então, foi a de trabalhar a variação, com a noção de gramática. A monotongação e a ditongação no português são fenômenos bastante antigos, tanto sob a óptica diacrônica, quanto sincrônica. Na história da língua, há muitos exemplos de monotongação diacrônica e sincrônica. Na maior parte deles, a simplificação vocálica se deu através da substituição da vogal e da semivogal por uma outra vogal, de praxe, a meio caminho, como em *c[ae]cus* → *c[e]cu* → *cego*. Há registros de *aw* → *o*, tendência observada no *Appendix Probi*, no qual é preterida a forma reduzida: “*dizer Claudius, não Clódius*”. A monotongação de que trataremos aqui, entretanto, é fenômeno sincrônico, que ocorre pela pura eliminação do segundo elemento do ditongo decrescente, ou seja, do glide.

Das reduções *ei→e*, levamos em conta na nossa análise apenas aquelas ocorridas diante dos segmentos /*r/*, /*ʃ/* e /*ʒ/*, por considerá-las mais gerais. Nesse caso, atua OCP, que, como já dissemos, proíbe representações nas quais elementos idênticos sejam adjacentes. No caso em pauta, o contexto em que OCP atua é o de fronteira de sílaba, impedindo a adjacência do glide anterior aos segmentos supracitados. Já no caso da redução *ou→o*, OCP atua dentro da sílaba, ocorrendo, assim, independentemente do segmento (se houver) que segue o ditongo. Em ambos os casos, as variedades se diferenciarão pela posição que ocupa OCP em escala hierárquica de cada variedade, tendo os traços [anterior] e [dorsal] grande relevância nessa variação.

ARAÚJO, L. Reduplicação e ênfase no parkatêjê: um estudo de textos poéticos. In: ENCONTRO INTERNACIONAL SOBRE LÍNGUAS E CULTURAS MACRO-JÊ, 4. *Anais...* Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2006. No prelo.

_____. *Aspectos da Língua Gavião-Jê*. 1989. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1989.

D’ANGELIS, Wilmar R. *Traços de modo e modos de traçar geometrias: línguas Macro-Jê & teoria fonológica*. 1998. Tese (Doutorado) – IEL, Unicamp, Campinas, 1998.

DAMULAKIS, Gean N. Do tratamento formal da variação lingüística. In: GONÇALVES, C. A. (Org.). *INICIA – Revista da Faculdade de Letras da UFRJ*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2003.

_____. *Fenômenos variáveis sob uma óptica formal*. 2005. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2005.

GONÇALVES, Carlos A. V.; COSTA, Raquel G. R. Sobre a interpretação fonológica dos ditongos em português. In: CONGRESSO DA ASSEL/RJ, 4., *Anais...* Niterói, 1995.

MYERS, Scott. OCP effects in Optimality Theory. *Natural Language and Linguistic Theory*, v. 15, p. 847-892, 1997.

NARO, Anthony J. *Estudos Diacrônicos*. Petrópolis: Vozes, 1973.

PRINCE, A.; SMOLENSKY, P. *Optimality Theory: Constraint*

Interaction in Generative Grammar. ms, Rutgers University e University of Colorado Boulder, 1993.

SOARES, Marília Facó. Variação e análise paramétrica: algumas possibilidades de estudos em línguas indígenas brasileiras. *Gragoatá 9*, Universidade Federal Fluminense, 2000.

_____. Regulação rítmica e atuação do OCP em Tikuna. *Letras de Hoje: estudos e debates de assuntos de lingüística, literatura e língua portuguesa*. Atas do Seminário de Fonologia. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

WIESEMANN, Ursula. *Die phonologische und grammatische Struktur der Kaingáng-Sprache*. The Hague and Paris, Mouton, 1972.

Efeitos de frequência nas representações mentais

Thais Cristófaró Silva

thaiscas@hotmail.com

Universidade Federal de Minas Gerais

Em 1885, Schurrardt sugeriu que efeitos de frequência atuavam nas mudanças lingüísticas. Posteriormente, vários trabalhos exploraram, de uma forma ou outra, como os efeitos de frequência poderiam atuar no conhecimento lingüístico (FILDEHOLTZ, 1975; BAKER, 1968). Contudo, é no início deste milênio que efeitos de frequência passaram a ser efetivamente incorporados aos modelos lingüísticos (BOD; HAY; JANNEDY, 2003). Dois tipos de frequência são considerados: *Frequência de Tipo* e *Frequência de Ocorrência*. A frequência de tipo (*type frequency*) corresponde à frequência de um padrão específico no léxico (ou dicionário). Uma palavra, por exemplo, pode ser considerada um tipo em um *corpus*. A frequência de ocorrência (*token frequency*) corresponde à frequência, ou seja, quantas vezes, um determinado tipo ocorre em um *corpus*. O tipo em questão pode ser uma palavra, um padrão silábico, uma unidade sonora, etc.

Bybee (2001) e Phillips (2001) argumentam que efeitos de frequência atuam de maneira diferenciada nas mudanças sonoras foneticamente motivadas e nas mudanças sem motivação fonética. De acordo com as autoras, uma mudança foneticamente motivada se implementa mais rapidamente em itens lexicais que têm frequência de ocorrência mais alta. Ou seja, de acordo com estas autoras, os casos que refletem motivação fonética afetam inicialmente os itens lexicais mais frequentemente usados na fala. Já os casos em que não há motivação fonética, por exemplo, os casos de analogia, afetam as palavras utilizadas menos frequentemente e somente depois se propagam para as palavras mais frequentes.

O trabalho aqui apresentado pretende discutir a relação entre frequência de ocorrência e frequência de tipo na organização das representações mentais a partir da avaliação de estudos de caso do português brasileiro. São apresentados resultados de pesquisa de casos de variação e mudança sonora com e sem motivação fonética, nos quais se avaliou o papel de frequência de ocorrência e de tipo. Dentre os casos que envolvem motivação fonética, são considerados: a) palatalização de sibilante em posição pós-vocálica *triste* > *tri[ʃtʃi]* > *tri[ʃi]* e b) assimilação de glide palatal em hiato *ódio* > *ó[dʒyʊ]* > *ó[dʒy]*. Dentre os casos sem motivação fonética,



são considerados: a) empréstimos contendo africadas como em *Tchechênia*, *Thatcher*, etc. e b) alternância entre vogais médias abertas e fechadas em formas verbais, como em *(ele/a) rouba* > r[o]ba ou r[ɔ], e em formas nominais, como em r[o]stos > r[ɔ]stos. Serão discutidos dois casos adicionais que buscam contribuir para uma melhor compreensão dos efeitos de frequência: a) epêntese vocálica em *afta* > af[i]ta e b) redução de vogal baixa átona, como em *traduzir* > tr[ɔ]duzir. Estes dois últimos casos podem ser compreendidos como tendo ou não motivação fonética. A motivação fonética para a epêntese pode ser justificada pela baixa produtividade de tipos de encontros consonantais com duas obstruintes no português brasileiro (o que seria uma motivação fonética específica do português). No caso da redução de vogal baixa átona, a motivação fonética pode ser justificada pela atonicidade atribuída à vogal, que é reduzida. Por outro lado, assumir a motivação fonética nestes casos encontra problemas. Isto porque temos encontros consonantais inovadores ocorrendo no português atual: *partes* > pa[hts] ou *participação* > pa[htsp]ação. Portanto, a emergência destes novos encontros consonantais, de certa maneira, enfraquece a hipótese de motivação fonética para os casos de epêntese. Com relação aos casos de redução de vogal baixa átona, como em *traduzir* > tr[ɔ]duzir, observamos padrões análogos desse tipo de redução vocálica com o conhecido alçamento de vogais médias (*perigo* > p[i]rigo, *bonito* > b[u]nito), que certamente tem condicionamento lexical operante. O debate pautado no comportamento fonológico dos casos de epêntese e de redução da vogal baixa permitirá a avaliação das hipóteses de Bybee (2001) e Phillips (2001) com relação aos efeitos de frequência de tipo e de token.

Sugere-se que a frequência de ocorrência expressa tendências gerais que propulsionam a consolidação de casos de variação sonora, atingindo inicialmente as palavras mais frequentes e conformando-se com tendências de tipos específicos. Por exemplo, alguns itens lexicais específicos ou um grupo de itens lexicais que compartilhem um padrão podem apresentar comportamento diferenciado. No caso de palatalização de sibilantes em posição pós-vocálica, observa-se que uma outra fricativa, ocorrendo em sílaba adjacente, pode desviar a tendência geral observada. A tendência geral é que palavras mais frequentes sejam inicialmente afetadas, mas palavras que contenham uma fricativa ocorrendo em sílaba adjacente têm inibição do fenômeno (ex. *justiça*). No caso da alternância entre vogais médias abertas e fechadas em formas verbais como em *(ele/a) rouba*, observamos que as palavras menos frequentes são aquelas mais sujeitas ao fenômeno. Contudo, o fato de um determinado tipo ser pouco frequente pode alterar essa tendência geral observada (verbo *roubar*, por exemplo).

O trabalho conclui que efeitos de frequência de ocorrência e de tipo interagem na organização das representações mentais. A relação entre os dois tipos de frequência propicia condição para que grupos de itens lexicais se comportem de maneira diferenciada, o que oferece evidências explícitas para o modelo de Difusão Lexical, considerando-se um léxico plástico e dinâmico (WANG, 1969). Conclui-se adicionalmente que a formação de categorias específicas e a definição de parâmetros de boa-formação gramatical são gradientes e contribuem para a organização do componente lingüístico, que pode ser compreendido como probabilisticamente analisado.

BAKER, J. Frequency in usage and in the lexicon. *Language*, v. 21, p. 13-22, 1968.

BOD, R.; HAY, J.; JANNEDY, S. (Ed.). *Probabilistic linguistics*.

Cambridge, Mass.: MIT Press, 2003.

BYBEE, J. *Phonology and language use*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

BYBEE, J.; P. HOOPER (Ed.). *Frequency and the Emergence of Linguistic Structure*. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

FIDELHOLTZ, J. Word frequency and vowel reduction in English. In: CHICAGO LINGUISTIC SOCIETY REGIONAL MEETING, 11., 1975, Chicago. p. 200-213.

JOHNSON, K. Speech perception without speaker normalization. In: JOHNSON, K.; MULLENNIX, J. W. (Ed.) *Talker variability in speech processing*. San Diego: Academic Press. p. 146-165.

PHILLIPS, B. Lexical diffusion, lexical frequency and lexical analysis. In: BYBEE, J.; HOPPER, P. (Ed.). *Frequency and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam; Philadelphia, PA: John Benjamins, 2001. p. 123-136.

PIERREHUMBERT, J. Exemplar dynamics: word frequency, lenition and contrast. In: BYBEE, J.; HOPPER, P. (Ed.). *Frequency and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam: John Benjamins, 2001. p. 137-157.

_____. What people know about sounds of language. *Studies in the Linguistic Sciences*, 29(2), p. 111-120, 2000.

WANG, W. Competing changes as a cause of residue. *Language*, v. 45, p. 9-25, 1969.

Vogal de Apoio em Grupos Consonantais CCV no Português Brasileiro

Izabel Christine Seara

izabels@linse.ufsc.br

Universidade Federal de Santa Catarina

Francine Silveira

Muitos têm sido os estudos que tratam deste fenômeno lingüístico: a vogal de apoio em grupos consonantais no português brasileiro (PB) cuja segunda consoante se constitui de uma líquida (NISHIDA, 2005; BLASI, 2005; SILVA, 1996, dentre outros). Cristóforo-Silva (2006) coloca que nos encontros consonantais tautossilábicos ocorre uma redução da consoante se a vogal seguinte ao encontro for átona, como, por exemplo: 'livro/livo'. Para Silveira (1988, p. 88), esses encontros consonantais, denominados próprios, são caracterizados pela 'seqüência de consoantes que são articuladas sem som vocálico intermediário'. Silva (1996) constata que o *tap* em grupos consonantais apóia-se sempre em duas vogais. Esta autora observa também que a única diferença entre os elementos vocálicos anterior e posterior ao *tap* em encontros consonantais se relaciona à duração. Nishida (2005) diz ser a estrutura formântica da vogal de apoio condicionada pela qualidade da vogal nuclear do encontro. Vê-se então que, até o momento, pouco se tem apresentado acerca da qualidade desta vogal de apoio: se há diferenças de qualidade ou se as diferenças se dão apenas no nível duracional dos segmentos. Buscando estabelecer a qualidade vocálica das vogais de apoio em relação à vogal núcleo e a ocorrência dessas vogais diante de líquidas laterais e não laterais, elaboramos um *corpus* constituído de palavras que continham grupos CCV, cuja vogal núcleo em contextos tônicos eram as altas [i, u] e a baixa [a]. Optamos por tratar apenas de vogais em que se conseguisse obter todas as combinações de consoantes (tanto a primeira, quanto a